

MANGALÔ: RESGATE E DIVULGAÇÃO DA CULTURA REGIONAL MINEIRA

MANGALÔ: RESCUE AND DISSEMINATION OF MINAS GERAIS REGION'S CULTURE

ARAÚJO, André Luiz Ribeiro de¹

GEDIEL, Ana Luisa Borba²

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar o projeto de extensão Procultura/UFV, que visa difundir a cultura popular a partir da interação com os "cantadores de folia", principalmente, através da circulação musical e literária, visando a interação entre a comunidade da região do Vale do Mucuri e a Universidade Federal de Viçosa e a cidade de Viçosa, MG. Primeiramente, foi realizada a formação de gestores e produtores culturais, em uma ação participativa, envolvendo acadêmicos de graduação da UFV, em interação com o movimento de divulgação da cultura regional. Posteriormente, ocorreram shows, cursos e roda de conversas através de oficinas, com o intuito de divulgar e proporcionar a reflexão das pessoas envolvidas acerca da singularidade regional. Essa iniciativa, também, buscou o desenvolvimento profissional da banda Mangalô. Entende-se como resultados, que tais aspectos ressignificaram as próprias referências em uma perspectiva diferenciada da atual, mercantilização dos bens culturais no Brasil; ao mesmo tempo possibilitou a troca de saberes entre grupos do Vale do Mucuri e a universidade, além de fomentar pesquisas futuras na região.

Palavras Chave: Extensão Universitária; Vale do Mucuri; Resgate Cultural.

ABSTRACT

This article aims to present the Extension Project Procultura/UFV, that seeks to spread popular culture from the interaction between the cantadores de folia and through the musical and literary circulation in order to interlink the community of the region of Vale do Mucuri, Universidade Federal de Viçosa (UFV) and the city Viçosa-MG, Brazil. First, the cultural managers and producers were trained through a participative action involving undergraduated students of UFV who interacted with the dissemination of regional culture movement. Afterwards, there were concerts, courses and discussions carried out through workshops to disseminate and inspire the ones that are involved on the regional singularity. This initiative also seeks to promote the professional development of the Band Mangalô. As results, it is understood that such aspects (re) signify its own references in a differentiated perspective, without commodifying culture and, at the same time, it provides exchange of knowledge between groups of Vale do Mucuri and the university, besides boosting more researches about the region.

Keywords: University extension. Vale do Mucuri. Cultural rescue.

¹ Aluno do Curso de História da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil. E-mail: andreclassrock@hotmail.com

² Professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil. Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: ana.gediel@ufv.br

INTRODUÇÃO

“Eu quase que não consigo,
ficar na cidade sem viver contrariado,
sou como rês desgarrada,
nessa multidão boiada caminho a esmo”

Lamento Sertanejo (Gilberto Gil).

Nas últimas décadas, o Brasil vem passando por uma crise visível no âmbito educacional e, principalmente, cultural, o que atinge as pessoas menos favorecidas, sendo reprimidas por não terem acesso a um sistema educacional digno; conseqüentemente, são influenciadas pelas mídias e, até mesmo, pelas instituições educacionais no que diz respeito às culturas plastificadas, simplificadas na sua complexidade (SILVA, 2003).

De acordo com a autora, observa-se ainda que as próprias escolas não dialogam de forma plena com as diferentes culturas de vários povos do Brasil, chegando ao ponto dos educadores influenciarem seus alunos à alienação cultural de mercado. Essa alienação condiz com a intencionalidade de massificação de produtos, sem o resgate ou implicação das vivências e/ou tradições culturais das minorias. Nesse meio, o professor torna-se, também, uma vítima do sistema, já que ele participa de todo o processo de reconstrução cultural massificada. Esta perspectiva contribui para o enriquecimento do debate crítico e progressista, dos campos da educação e da cultura. Além disso, possibilita discutir e até mesmo reparar danos causados historicamente aos sistemas menores, como por exemplo, a cidade de Carlos Chagas - MG, situada na região do Vale do Mucuri - MG, no nordeste mineiro.

Essas problemáticas podem ser direcionadas para interpretarmos as entrevistas que realizamos com professores e direção das escolas Estaduais, tanto da cidade de Carlos Chagas (MG), no Vale do Mucuri, quando na cidade de Viçosa (MG), na Zona da Mata mineira; as entrevistas visaram, principalmente, a disciplina de Estágio Supervisionado do curso de História da Universidade Federal de Viçosa, no ano de 2013.

Entendemos que nossas posições intelectuais-ideológicas presentes neste artigo são legítimas para contribuir no sentido de reflexões epistemológicas em diferentes núcleos sociais, seja urbano ou de cidades interioranas. Nossa perspectiva, neste artigo, não simplifica as relações de mercado na sociedade atual, de forma que elas se resumam às escolhas daqueles que “compram e reproduzem”. Acreditamos que, de fato, existe na sociedade, assim como apontou SILVA (2003), uma manipulação por parte de diferentes corporações, principalmente as globais midiáticas.

Em paralelo a este quadro, a gestão política brasileira, no que se trata do campo da cultura, assim como o sistema educacional, via ministérios ou além deles, historicamente e gradativamente se mercantilizaram em ações de governo.

O discurso identitário se perde em meio ao essencialíssimo autoritário e conservador dos anos 1930/40 e 1960/70. E toda a gestão da cultura passa a ser pautada pela lógica do mercado globalizado. O retorno à democracia nos anos 1990 faz fronteira com o fortalecimento no Brasil do ideário neoliberal, que os governos FHC assumem. A consequência para o campo cultural é a ratificação da política de incentivos fiscais iniciadas no governo Sarney (LEAL & LEAL, 2012. p. 261).

Não iremos analisar as conjunturas do contexto das políticas para cultura no Brasil além da apresentação desde último cenário proposto acima. Todavia, temos que reconhecer que apesar dos gradativos avanços das políticas voltadas para cultura e educação, em relação à região estudada, há

uma relativa carência de moderação e administração com mais assiduidade, os rápidos fenômenos transformadores nos quais a atual sociedade no século XXI se encontra.

Objetivamos com esse artigo apresentar a experiência empírica obtida com o projeto Procultura desenvolvido na Universidade Federal de Viçosa, durante o ano de 2013, “*Mangalô: Resgate e Divulgação da Cultura Regional Mineira*”, cuja proposta é promover oportunidades culturais diferenciadas das que estão atualmente vinculadas aos meios de comunicação de massa e aos produtos mercadológicos; ao mesmo tempo, também possibilitar a pesquisa de práticas culturais que se desenvolvem na região do Vale do Mucuri –MG; além disso, potencializar reflexões futuras sobre todo o contexto histórico e sócio antropológico que está envolvido.

A intenção de atuar nesse sentido, faz referência específica a possibilidade de desenvolvimento e reflexões sobre os bens culturais ligados às regiões menos valorizadas, atingidas pelo processo de massificação e pela imposição midiática da indústria cultural contemporânea. Dentre as diferentes regiões de Minas Gerais, este projeto de extensão direcionou-se para o Vale do Mucuri, situado no nordeste mineiro. Atualmente a mesorregião é considerada como a mais pobre de Minas Gerais (DE MARI; GRADE, 2011).

É importante destacar, que buscamos por meio do trabalho desenvolvido, possibilitar a democratização do acesso à cultura produzida dentro do próprio território mineiro. Essas atividades, ainda, tiveram o intuito de divulgar a música produzida na região de Viçosa – MG e no Vale do Mucuri - MG. Grande parte da população da região do Vale do Mucuri, desconhece as obras dos próprios artistas locais, devido ao processo de massificação articulado pela indústria cultural nacional e até mesmo internacional, além da falta de iniciativas e apoio à música regional interiorana e à cultura popular. Desse modo, a proposta do projeto envolveu as duas vertentes: 1) o acesso da música e poesia, do Vale do Mucuri, via oficinas e shows da Banda *Mangalô*; e 2) o reconhecimento dos difusores desses trabalhos como artistas, personagens atuantes e agentes dos próprios saberes culturais tradicionais da região em análise.

2. Contextualização e Percorso Cultural

O projeto de extensão teve como proposta desenvolver atividades coletivas no período do ano de 2013 para o intercâmbio de ações de difusão da cultura musical produzida pelos artistas que vivem na região do Vale do Mucuri. Desse modo, as práticas culturais foram exercitadas e adaptadas à construção cultural, de acordo com o público envolvido e o histórico de criação da Banda *Mangalô*.

Este projeto de extensão teve início a partir do surgimento da Banda *Mangalô*, criada desde 2011, com o intuito de articular atividades artísticas e culturais para a difusão dos bens culturais do Vale do Mucuri - MG. Isso ocorre por meio do artesanato, divulgação de composições musicais e poesias que caracterizam o *ethos* da comunidade local, acompanhadas por uma pesquisa de saberes e práticas culturais, referente ao matrimônio imaterial (Folia de Reis), genuinamente brasileiros. Assim, o composto cultural constituiu-se, principalmente, pelo contato que o bolsista PROCULTURA obteve com os vários artistas, desde de escritores, até os “violeiros”, “cantadores” e “fazedores de cultura”, da cidade de Carlos Chagas - MG, desde o início dos anos 2000 até os dias atuais.

A banda foi elaborada com o intuito de compor músicas autorais e também

resgatar, documentar e divulgar as músicas de autoria dos artistas do Vale do Mucuri. No decorrer de sua trajetória artística e cultural, a Banda *Mangalô* realizou diversas apresentações musicais nos principais bares da cidade de Viçosa, além de participar de eventos importantes como, por exemplo, o *TransversArte*, idealizado pelo Coletivo 103, grupo formado por estudantes da UFV.

O Coletivo 103 surgiu “dentro de uma república universitária, a partir da paixão pela literatura compartilhada entre seus moradores”. Este grupo se desenvolve alinhado com novas mídias e núcleos de redes espalhados por todo o Brasil, como o Fora do Eixo e a Mídia Ninja. Estes movimentos atuam como produtores ligados ao campo da cultura com ações reconhecidas por vários âmbitos da sociedade contemporânea. Participamos, ainda, da peça de teatro, O Santo e a Porca (Ariano Suassuna), com a composição da trilha sonora, criada pelo bolsista PROCULTURA. Esse evento foi organizado pelo grupo teatral Elos Quentes, também formado por estudantes da UFV. Foram realizadas diversas parcerias com este grupo no ano de 2012, inclusive uma premiação como melhor trilha sonora no Festival de Teatro da cidade de São João de Nepomuceno - MG. Ambos os espetáculos, em parceria com estes grupos, aconteceram no auditório Fernando Sabino - UFV, nos anos de 2011 e 2012.

Na primeira fase do projeto *Mangalô*, vários músicos se envolveram diretamente à banda *Mangalô*, inclusive cinco estudantes de diferentes cursos da Universidade Federal de Viçosa. Também foram parceiros deste projeto, como músicos, três artistas da cidade de Cumuruxatiba (BA) – um deles estuda na UFV. Atualmente, a formação da banda é composta por, além do bolsista do projeto PROCULTURA, três destes músicos da comunidade viçosense conhecida como “Rebenta Rabicho”. Estes músicos, também se envolvem em um projeto cultural, intitulado “Casas cultural do Morro”, desenvolvido na cidade de Viçosa - MG, na comunidade onde vivem em uma iniciativa da própria comunidade em interlocução com a Universidade Federal de Viçosa.

A disponibilização desse acervo musical, através dos shows e mídias sociais, foram importantes devido ao fato de sua própria realização transfigurar-se em um elemento de extensão, no que se refere à prática pedagógica e à ação em prol da preservação dos bens culturais do território mineiro, que por sua vez estende a um caráter de sociabilidade.

A primeira ação artística cultural, ocorreu por meio da parceria estabelecida com a Prô-Reitoria de Extensão e Cultura, Departamento de Ciências Sociais e a prefeitura da cidade de Viçosa no evento “Café com Livros: 2ª Feira Literária de Viçosa”, que ocorreu entre os dias 26 e 27 de abril de 2013, na cidade de Viçosa, (MG), nas dependências da UFV e na Casa Arthur Bernardes. Este evento também estava ligado ao “Café Filosófico”, projeto de extensão vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e ao “Café Literário”, evento de literatura promovido pelo “Coletivo 103”, da Universidade Federal de Viçosa. Desse modo, foram realizadas combinações prévias com o grupo Coletivo 103, que promovem ventos culturais e desenvolvem tecnologias sociais na cidade de Viçosa - MG.

Esse evento teve caráter artístico, cultural e educacional, ao passo que foram realizadas as seguintes atividades: a) a construção de uma oficina intitulada “A representação literária das músicas produzidas na região do Vale do Mucuri - MG”, referindo-se à própria história da cultura regional do Vale do Mucuri; b) show da Banda *Mangalô*, com participação especial dos artistas do Vale do Mucuri; e c) contação de “causos”, em moldes de oficina, com caráter artístico e educacional, as quais relembrou histórias das músicas

e das poesias escritas, referentes ao contexto cultural da região do Vale do Mucuri. Através destas ações, foi possível refletir sobre todo o contexto histórico com que este grupo, que se deslocou do Vale do Mucuri, está envolvido.

Neste sentido, no dia 26 de abril, em parceria com os grupos acima, em intervalo de 3h de duração, aconteceu a oficina intitulada “A representação Literária nas letras das músicas produzidas na região do Vale do Mucuri - MG”. Esta oficina foi realizada pelos representantes da cultura da comunidade do Vale do Mucuri, moderada pelo bolsista Procultura. Entre os oficinairos, encontravam-se compositores, contadores de causos, e representantes da Folia de Reis e do artesanato, atividades tidas como cultura tradicional brasileira.

Após a cantoria de abertura, foram realizadas a análise e reflexão das letras das músicas, das cantorias e dos causos desenvolvidos por estes oficinairos. O público presente era de aproximadamente 20 pessoas, que se apresentaram e interagiram de diversas formas, ora contemplando a falas ora cantando, dançando e fazendo perguntas ao proponente do projeto ou aos oficinairos.

Também foi realizado um show de divulgação da Semana de História da UFV – “Como se Faz a História: Arquivos, Discursos, Práticas, Temas e Teorias”. Esta ação se deu na Estação Cultura da UFV, ao lado da BBT, no dia 06 de novembro de 2013, das 12h00min até 13h30min. Para isso, tivemos apoio da Divisão de Eventos da UFV, Divisão de Assuntos Culturais (DAC), Departamento de História (DHI) e estudantes do curso de História da UFV. Os músicos envolvidos e que fazem parte da equipe atual do projeto pertencem à cidade de Viçosa e comunidade universitária. Este aspecto, além de ampliar a ação do projeto, enriqueceu ainda mais o desenvolvimento das ações artísticas-culturais dentro da própria Universidade Federal de Viçosa.

Por último, se torna importante dizer que realizamos o encerramento das ações do projeto no ano de 2013, na própria região do Vale do Mucuri, em celebração com diversos artistas beneficiados com esse projeto, além de outros que tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente. Essa ação nos proporcionou contato, com os reconhecidos artistas do Vale do Mucuri: Pereira da Viola (Teófilo Otoni - MG) e Bilora (Santa Helena de Minas), o psicólogo e músico Carlos Farias (Machacalis - MG), o contador de causos, cantor e poeta Gonzaga Medeiros (Fronteira dos Vales - MG), o cantor de Folia da cidade de Carlos Chagas - MG, Ademar Rodrigues, dois Artesãos da cidade de Ataleia - MG, além de muitos outros artistas e produtores. Essa ação se realizou no 1º MUCURIARTE, ligado ao Instituto Válido do Mucuri, na cidade de Águas Formosas - MG, no Vale do Mucuri. O projeto *Mangalô* atuou na a região do Vale do Mucuri com uma ação artística, cultural e ecológica, a qual foi realizada em uma imersão entre vários parceiros da cidade universitária da região da Zona da Mata. Foram dias de muita música e principalmente de saberes trocados e compartilhados. Estas ações se deram entre os dias 19 de dezembro e 22 de dezembro de 2013 e envolveram 10 pessoas, entre músicos e estudantes, da cidade de Viçosa.

O projeto *Mangalô* executou duas ações diversas: a primeira, realização de dois shows de aproximadamente 2 (duas) horas, o qual homenageou e valorizou a cultura musical da região do Vale do Mucuri, assim como a música popular brasileira, através dos variados ritmos musicais que compõem parte do patrimônio vivo da região; o segundo momento, foi propício para a interação/oficinas e diálogos livres entre estudantes da Universidade Federal de Viçosa e a comunidade do Vale do Mucuri, possibilitando uma maior aproximação entre esta região e um grande polo de conhecimento pertencente ao próprio Estado de Minas Gerais. Nesse sentido, além de cumprir as obrigações artísticas-culturais que temos firmamos com este

projeto, estendemos nossas ações também no âmbito ecológico da região.

A equipe de músicos, até o momento, foi composta por acadêmicos de diferentes cursos de graduação que participam do percurso da banda, além de vários artistas já atuantes como profissionais da música da cidade de Viçosa. Parte dessa equipe também colaborou com a seleção do acervo musical e nos ensaios para realização dos shows. Este processo foi importante para o sucesso das ações previamente programadas.

3. Percurso Metodológico

As ações realizadas pelo projeto *Mangalô* tiveram caráter artístico, cultural, informativo e, acima de tudo, político e social. Utilizamos um formato pedagógico para a realização das atividades, com o intuito de disseminar as culturas nacionais, por meio de ritmos musicais, tais como: baião, samba, maracatu, afoxé, macule lê, coco, cantigas de roda, cirandas, cantorias de Folia de Reis e até de referências de música erudita, intrínseca no arcabouço musical da região, bem como todo cancionário popular que tem se desenvolvido há várias décadas na região do Vale do Mucuri, guiado por várias influências, bens culturais estes que são inacessíveis para a maioria das pessoas, estudantes e comunidade de Viçosa e região do Vale do Mucuri - MG.

Para que as atividades ocorressem de acordo com o cronograma, elas foram construídas conforme a descrição a seguir: Em um primeiro momento, ampliamos o grau de contextualização dos integrantes envolvidos no projeto sobre a importância da produção cultural pesquisada no Vale do Mucuri e a respeito da significância que esse arcabouço cultural possui para a memória da região. Tais atividades foram planejadas no decorrer das reuniões com o professor orientador e nos ensaios, quando foi discutido e planejado o arsenal de propostas, delimitação e direcionamentos dos trabalhos artísticos. Também, foi planejado um espaço destinado à divulgação, com o estabelecimento de parcerias e de práticas conjuntas com os demais grupos e eventos culturais realizados pela UFV.

Na maioria das ações realizadas, contamos com a presença dos representantes artísticos-culturais do vale do Mucuri, conjuntamente com os integrantes do PROCULTURA. Nesse momento, foi possível relacionar as atividades musicais com o universo simbólico desse grupo de pessoas, o que interfere diretamente na valorização das suas práticas artísticas. É importante destacar que os shows e oficinas foram previamente planejados com os guardiões da memória do Vale do Mucuri, com agentes e produtores culturais da região do Vale do Mucuri, com “Coletivo 103” da cidade de Viçosa (MG) e, também, com demais produtores culturais do Vale do Mucuri - MG.

Todas essas ações foram registradas e arquivadas para, se necessário, serem usadas como documentos do histórico do projeto. Ao final de todas as atividades e ações culturais foi elaborado e disponibilizado na internet um acervo audiovisual, o que proporcionou uma maior divulgação do projeto e de suas propostas sociais e políticas, no sentido de democratizar, diversificar o campo da cultura do Vale do Mucuri e ampliar uma discussão sobre a problemática da diversidade do contexto cultural e histórico desses povos no cenário brasileiro.

Através deste projeto, mantemos contato via internet e telefone constantemente com os grupos parceiros da região do Vale do Mucuri. Em uma relação dialógica, acompanhamos o processo do desenvolvimento do projeto. Nesse sentido, são realizadas 3 viagens por ano

para realizamos trabalho de campo na região. Além disso, estamos ligados diretamente à produção cultural que acontece na região, principalmente nas cidades de Carlos Chagas - MG, Águas Formosas - MG, Novo Cruzeiro - MG e Teófilo Otoni - MG. Em outras palavras, estamos em pleno diálogo com vários produtores, além de diversos professores, desde escolas de ensino médio (particulares ou públicas) até mesmo professores ligados à Universidade Federal do Vale do Mucuri e Jequitinhonha, em um campus da cidade de Teófilo Otoni - MG e, de certa forma, a própria comunidade no geral que nos acompanha via internet e jornais impressos.

4. Análise dos dados

Ao analisarmos o discurso de um cantador de Folia (cultura popular), vinculado ao projeto *Mangalô*, que também é ligado à pesquisa monográfica que trabalhamos atualmente, em menção à indústria cultural, o colaborador disse que “eles [a indústria cultural] querem pegar os mais fácil de manusear, então você pega um cara que é mais fácil de manusear, que não tem posição, que não tem relação de questionamento com o estado de coisas” (SOUZA, 2013).

A partir do que foi apresentado acima, podemos entender que existiram no passado, e há até mesmo nos presente, grupos literalmente marginalizados na sociedade brasileira, assim como as condições de vida observada no entorno desta Folia de Reis praticada na cidade de Carlos Chagas - MG, no Vale do Mucuri. Em outras palavras, o descaso público é um fenômeno que se repete há vários anos, desde antes da primeira república ainda no século XIX, até os dias atuais no século XXI na região do Vale do Mucuri.

Existe, de fato, uma lógica mercadológica perpetrada e perpetuada, a qual impossibilita que grupos ligados a práticas culturais com menor poder de se posicionar, nas palavras do cantador de Folia de Reis, diante do “estado de coisas”, muitas vezes, (im)postas (SOUZA, 2013).

Se o capitalismo é um fenômeno incontornável, diante desta presente pesquisa, se torna necessário propor resignificá-lo, de forma que estas comunidades marginalizadas tenham alguma oportunidade de, com o máximo de conscientização crítica possível, manter suas práticas culturais ligadas a uma tradição de resistências de vários grupos na sociedade. Todavia, em outros termos, se torna preocupante quando estas condições impostas veem de cima para baixo, verticalmente. Para melhor compreendermos o contexto da cultura popular em pleno desenrolar, Garcia Canclini aponta que estes grupos

(...) excluídos, são aqueles que não tem patrimônio ou não conseguem ser reconhecido e conservado (...) nem participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”, são os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos. (CANCLINI, 2013. p. 205)

No que se trata do sistema educacional, sem deixar de pensar em uma interligação com o campo da cultura, Silva (2003) realizou um estudo na década 1990 em que verifica a intervenção mercadológica na estrutura institucional:

Os mecanismos de intervenção do Banco Mundial e suas formas de cooptação na estrutura organizacional, institucional e no funcionamento da escola pública, tem a

finalidade de consolidar seus instrumentos produtivos, quantitativos e a cultura empresarial do sistema educacional brasileiro (SILVA, 2003, p.284).

Como remediador desse quadro, os professores também estão inseridos, os quais, como grande parte da classe trabalhadora, se identificam com as culturas mercadológicas. Fazendo uso dos termos de Benjamin (1994, p. 179), “é diante de um aparelho que a esmagadora maioria dos cidadãos precisam alienar-se de sua humanidade, nos balcões e nas fábricas, durante o dia de trabalho”. Foi possível perceber esta complexidade de fenômenos diante do quadro de professores da cidade de Carlos Chagas - MG, com os quais tivemos contato desde os anos de 1995 até os dias atuais. Para Perrenoud (2000), o papel do professor seria o de agir como mediador das atividades, relacionando os momentos fortes, como a afirmação da cultura de determinado grupo a partir da utilização de uma língua específica, assegurando a memória coletiva e utilizando como método a confecção de materiais para experimentos em sala de aula ou, até mesmo, idas a campo. Ou seja, se torna necessário diversificar os saberes culturais para, dessa forma, ajudar o aluno a se relacionar com uma prática cultural que valorize seu universo, que desenvolva a criatividade, o senso crítico, e que, principalmente, possibilite a compreensão de si mesmo na sociedade, no mundo ao seu redor e além dele.

No que se trata da cidade de Carlos Chagas – MG, por exemplo, é possível dizer que o sistema educacional da maioria das escolas possui dificuldade de diálogo e articulação com a tradicional Folia de Reis. Por outro lado, as escolas já se articulam com outras manifestações que são fruto do nosso tempo, como uma banda de forró eletrônico intitulada Zuíno e Toty, a qual ocupou o espaço e datas centrais impulsionadoras dos momentos (fortes/clímax) dos festejos desta escola e, é possível dizer, até mesmo da cidade. Estas realizações aconteceram entre os anos de 1995 e os anos 2000.

Grande parte dos alunos desta escola é composta de filhos de pessoas diretamente ou indiretamente ligadas à Folia de Reis tradicionalmente conhecida na região (RODRIGUES; CORDEIRO, 2010). Por outro lado, o “forró eletrônico” é um dos fenômenos musicais recentes na sociedade brasileira. Hegemônico no mercado musical nacional, “serve para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que é produzido, transmitido e recebido” (COSTA, 2012, p. 8). O grupo de forró eletrônico referido acima, até anos atrás, em parceria com a escola, celebrava “tradicionalmente” uma readequação de valores, um maior diálogo com o avanço do capital na região, inserido no sistema educacional brasileiro.

É importante destacar que os benefícios econômicos da festa eram destinados para cobrir despesas da escola. Nestes vários anos em que esta festa foi realizada, dentro das dependências de várias escolas municipais e Estaduais, aconteceu de forma paradoxalmente contraditória em relação à Folia de Reis, tradicionalmente praticada pela população por uma centena de anos. Todavia, uma prática musical e cultural com maior potencialidade econômica fortaleceu outros valores e significâncias simbólicas, ao contrário da cultura tradicional.

Não estamos, porém, aqui propondo um engessamento cultural, muito pelo contrário, entendemos a cultura como dinâmica. Neste sentido Bauman (2008, p. 161) apresenta uma nova forma de entender estas mudanças sociais, uma vez que, para ele, o sucesso na vida da humanidade pós-moderna está diretamente ligado à fluidez com que consegue “se livrar dos hábitos antigos, mais do que da rapidez com que adquire novos”.

A nova lógica seria o “hábito de viver sem hábito”, nas palavras de Walter Benjamin, este contexto das novas tecnologias deslocantes, imbuídas na sociedade contemporânea,

... resulta num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. Eles se relacionam intimamente com os movimentos de massa ... (BENJAMIN, 1994. p. 169)

Nesse sentido, entende-se que estamos passando por um processo de ressignificação de valores, os quais tendem seguir uma ordem econômica de atuação nos diferentes espaços sociais e culturais. Contudo, Silva (2003) refere-se a um jogo político de poder advindo de relações assimétricas, direcionando-se para o crescimento capital e não social e humano. Do mesmo modo, pode-se pensar nos acontecimentos de construção da cultura musical nacional, a qual tende a uma generalização de ritmos e valores, minimizando a abertura de espaços para o desenvolvimento das singularidades regionais interioranas.

Durante a atuação como produtor cultural e músico deste projeto, foi possível perceber que o isolamento da região, diante do histórico negativo das políticas de governo voltadas principalmente para o campo da cultura, principalmente nos últimos 20 anos, causou terríveis danos ao desenvolvimento, não só no setor musical, mas também de outros vários, principalmente da prática tradicional que remete ao fenômeno da Abolição da Escravatura, conforme foi observado no discurso de uma das cantadoras de Folia de Reis da cidade de Carlos Chagas - MG, no Vale do Mucuri (KELÉ, 2013).

As dificuldades desta região, no que se trata do campo da cultura e da educação, estão diretamente ligadas ao contexto histórico do descaso público. Esta faceta danosa dificulta, também, que a própria sociedade local se mobilize pautada por posições de caráter progressista e inovador. Faltam informação qualificadas para os dois setores, seja o campo da cultura, seja o campo da educação.

Diante deste quadro, o projeto *Mangalô*, diante do seu caráter musical, é um testemunho do drama vivenciado por vários artistas, produtores e grupos tradicionais na região. Conhecemos de perto a região pesquisada, a partir das nossas próprias dificuldades, assim como a de outros vários artistas, desde atores, professores, músicos, cantadores de Folia de Reis, artesãos e pintores. Esses grupos carecem de um sistema educacional qualificado e com mais atuações governamentais ligadas ao campo da cultura; um sistema dinamizado e menos burocratizado, de forma que atenda os grupos com menor poder econômico na sociedade capitalista.

É importante destacar que esses dois setores realizam demasiadas conexões entre os vários povos da sociedade brasileira. Há artesãos, por exemplo, que não conseguem nem se inscrever para um edital publicado pelo Ministério da Cultura, cujas inscrições podem ser realizadas via internet. Esta deficiência vai para além das suas dificuldades particulares. Tal constatação está diretamente ligada à debilitação do poder informativo que circula a região, o sistema educacional ou cultural, além de outros, mas principalmente estes dois últimos.

Contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma

escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social. O peso relativo da educação familiar e da educação propriamente escolar (cuja eficácia e duração dependem estreitamente da origem social) varia segundo o grau de reconhecimento e ensino dispensado às diferentes práticas culturais pelo sistema escolar; além disso, a influência da origem social, no caso em que todas as outras variáveis sejam semelhantes, atinge seu auge em matéria de “cultura livre” ou de cultura de vanguarda. A hierarquia socialmente reconhecida das artes – e, no interior de cada uma delas –, dos gêneros, escolas ou épocas, corresponde a hierarquia social dos consumidores. Eis o que predispõe os gostos a funcionar como marcadores privilegiados da “classe”. (BOURDIEU, 2007. p. 9).

Já que tudo, ou quase tudo, se tornou mercado, os grupos sociais que possuem poder econômico menor, estão propícios a ter acesso a um arcabouço cultural e educacional com debilidades. Paralelo a isso, a sociedade no contexto da pós-modernidade se porta, na maior parte do tempo, dentro da lógica do capital, o qual verticaliza todos os dias uns sobre os outros. Neste sentido estes grupos do Vale do Mucuri carecem de uma política que se preocupe principalmente com a transmissão intergeracional, de forma amenize que os impactos das bruscas transformações econômicas e socioculturais.

O afastamento da possibilidade de expressão regional para uma generalização de valores, sem usufruir das especificidades locais, pode ser discutido no âmbito da identidade. Denominamos de “velhas identidades” aquelas que estabilizaram o mundo social por determinado tempo, até a mudança para o indivíduo moderno, constituído de forma fragmentada por novas identidades, mas, ao mesmo tempo, esse mesmo indivíduo é considerado unificado. Essa reestruturação de valores foi chamada de “crise de identidade” por Hall (2005), entendida como uma transformação ampla de estrutura das sociedades modernas, que vem a deslocar os indivíduos do seu papel social estável.

Não há muito tempo, surge na década de 1960, no Brasil, o processo denominado como indústria cultural, o qual alia-se à construção identitária. Esse fenômeno social foi reconhecido como uma das formas de massificar a música brasileira, a qual caracteriza-se a partir da lógica mercadológica, ou seja, a construção de um produto musical plastificado (MORYC, 2007).

Uma prática cultural pós-moderna, semelhante a que vemos desenvolver na cidade universitária de Viçosa, também se prolifera na região do Vale do Mucuri, de forma desigual em relação àquelas práticas tidas como tradicionais e desenvolvidas pelos povos dessa região. Entendemos que as práticas culturais desse porte têm consequências, também, no âmbito social e de saúde pública, devido ao fato de a cultura praticada estar também diretamente relacionada ao consumo de produtos alcoólicos comercializados principalmente pelas grandes indústrias cervejeiras. É importante destacar que a cultura influencia o comportamento social e diversifica enormemente a humanidade. “Confúcio, quatro séculos antes de Cristo, já dizia que a natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados” (LARAIA, 2006, p. 10).

Chevitarese (2001) menciona alguns autores, tais como Baudrillard (1993) e Jameson (1996), para discutir a (re)significação de valores na pós-modernidade. O autor elucida, à luz das afirmações de Baudrillard, que a arte do espetáculo é um agente de empoderamento das massas, o que surge como uma característica da pós-modernidade. O envolvimento de ações tecnológicas e informações virtuais é compreendido como um processo econômico, resultante de uma cultura de mercado, “a lógica cultural do capitalismo tardio” (JAMESON, 1997, p.29).

5. Discussão e Resultados

Os acontecimentos vivenciados diariamente em um mundo complexo e global trazem elementos e informações que são processados em um ritmo acelerado, desencadeando mudanças, ações e reações de caráter social relevante. Nessa direção, interessa mencionar que a região do Vale do Mucuri é considerada, dentro do território mineiro, como a região mais decadente economicamente (DE MARI; GRADE, 2011). Além de deficiências econômicas, a região ainda passa por forte crise dos saberes tradicionais, de forma a interferir negativamente na vida das pessoas.

Tais transformações são caracterizadas como produto histórico da sociedade pós-moderna, a qual passou por um processo acelerado de mudanças que se refletiram na estrutura social e cultural das suas diferentes esferas. Segundo as considerações de Gómez (apud SOARES, 1993), o século XX foi o demolidor das ilusões do iluminismo e muitos autores já reconhecem que um novo paradigma cultural, aos poucos, se instala. O pós-moderno seria a lógica cultural do estágio do capitalismo hoje imperante e que se constitui na percepção da crise da modernidade (JAMESON, 1997). De acordo com Froehlich (2002), a pós-modernidade surge como uma sequência da modernidade, em que o autor descreve da seguinte maneira:

Se tomarmos a noção de 'pós-modernidade' como a consciência crescente dos limites do projeto da modernidade, este pensamento sugere o problema de lidar com a complexidade cultural, de lidar com aquilo que, do ponto de vista de categorias bem organizadas, parece ser desordem, mas que não pode ser adequadamente incorporado na classificação existente, nem ignorado. Aparecem, assim, como marcantes na configuração pós-moderna, a perda de confiança nas grandes narrativas de Progresso e Iluminismo, bem como a ênfase na contingência, na incoerência e na ambivalência. (FROEHLICH, 2002, p. 16).

A pós-modernidade não só é o indicativo de uma nova fase da vida humana, mas uma fase indicadora de uma nova cultura. Essa nova fase produz uma nova sensibilidade, uma atitude multifacetada perante a história, na qual se reflete o convívio em uma sociedade extremamente complexa. A atitude frente à complexidade do mundo nos leva a pensar e/ou repensar o desenvolvimento do processo educativo e também cultural (HALL, 2005, p. 73-75).

Esse giro cultural, social e político, afeta significativamente o processo de pensar e veicular novos temas e questões vivenciadas pelas populações, o que reflete direta e indiretamente na educação formal e informal. Neste horizonte cultural e planetário, utilizando-se de uma expressão de Morin (2002), rico em valores, mas não valores que influem decisivamente na forma de pensar e agir de milhares de seres humanos, é importante refletir sobre os desafios frente à humanidade, principalmente no que se trata do campo da cultura nesta sociedade globalizada.

A região do Vale do Mucuri possui uma demanda de artistas segregados dos direitos de exercerem suas práticas culturais, que humilhados diante da própria sociedade manipulada/alienada pelos meios de comunicação, transcendem ao caráter de manifestação popular cultural e resistem até os dias de hoje ao modelo mercadológico imperante no sistema atual em que vivemos. Laraia (2006) discute acerca da padronização cultural:

Nem sempre, porém, a falta de comunicação acontece porque um padrão de comportamento foi quebrado, mas porque às vezes os padrões não cobrem todas as situações possíveis. Tal fato ocorre em períodos de mudança cultural e, principalmente, quando estes são determinadas por forças externas, quando surgem fatos inesperados e de difícil manipulação. (LARAIA, 2006. p. 84 - 85).

Ao entrevistarmos os cantadores de Folia da região, Ademar Rodrigues de Souza nos possibilitou um depoimento preocupante, ao mesmo tempo rico em saberes culturais. Este “agente cantador de Folia”, no que se trata das transformações culturais, se expressou da seguinte maneira:

E se você faz folia, vamos dizer, outras pessoas, as pessoas que ainda tem isto na memória, quando a gente passa, durante aí, seis dias cantando folia, e canta outras coisas, e canta um coco, e canta um paulista, canta uma contradança, manda um verso, tudo isso vai revivendo uma memória cultural das pessoas, e aí outras pessoas mais novas, como crianças vão ouvindo isto e também começa a conhecer, mesmo que é claro que está escutando este besteiro, mas ele não desfaz disso o tempo todo. É, então neste sentido você ainda vivencia coisa, é claro que vai mudar, mas a gente não precisa ir para coisas degradantes. (SOUZA, 2013).

Como observado acima, este folião apresenta aversão a estes padrões culturais imposto pelas indústrias culturais. Este projeto, em uma perspectiva política, atenta para estas constantes mudanças culturais fruto desta temporalidade, tida por Zygmunt Bauman (2008), assim como para diversos outros intelectuais, como pós-moderna. Neste sentido, nossa proposta se caracteriza pela persistência em sua resistência cultural regional, voltada para pesquisa dos bens ligada ao campo da cultura produzida no Vale do Mucuri. Iniciativas dessa natureza são de suma importância para proporcionar uma maior e melhor distribuição dos saberes culturais brasileiros.

Nesse sentido, já foram desenvolvidas atividades artísticas na região do Vale do Mucuri, na região da Zona da Mata e Universidade Federal de Viçosa e, de certa forma, em todo Brasil, ao divulgarmos o trabalho em jornais e principalmente pela internet, via mídias sociais possuidoras de tamanho poder de difusão.

Todos os presentes nos espaços onde o projeto desenvolveu as ações culturais e educacionais tiveram a oportunidade de ver, ouvir e contemplar uma cantoria de músicas e causos populares da região do Vale do Mucuri, assim como a prática de Folia de Reis que por muitos anos foi veiculada a laços familiares no Vale do Mucuri. Segundo um dos cantadores, uma dessas músicas foi repassada de geração para geração há mais de 50 anos. Tais ações vão ao encontro da ideia de valorização e principalmente da revitalização do patrimônio da nossa cultura regional, cada vez mais repelida, pela forma mercadológica e nocivamente influenciada pela indústria cultural nacional e internacional massificadora (MORYC, 2007).

Através da oficina da contação de causos e até mesmo do show da Banda *Mangalô*, foi possível conhecer os processos culturais de resistência de uma região desfavorecida social e economicamente, assim como divulgar e influenciar as pessoas a apreciarem a singularidade regional interiorana. Enquanto, por outro lado, o projeto faz com que esses artistas da região do Vale do Mucuri se sintam encorajados a permanecer firmes em seus processos de resistência, já que suas obras estão sendo difundidas em um grande polo

de conhecimento. Essa iniciativa, além de trazer autoestima e incentivar os artistas a continuarem produzindo a cultura regional interiorana, influencia na busca pelas próprias referências tradicionais, sem a preocupação em plastificar e/ou mercantilizar seus produtos culturais. Tais procedimentos levam a realização dessa ação para o propósito de incentivo a preservação da cultura brasileira. Nesse sentido, Rubim e Calabre (2009, p. 37) apontam que

O intercâmbio aparece como outro dado a ser assumido em uma política de diversidade. A cultura não pode estar isolada e ser apenas preservada, como muitas vezes enfatiza uma tradição bem instalada nos discursos acerca da cultura no país, devido à força das políticas de patrimônio material. Antes disso, a cultura deve ser assumida em sua dinâmica como troca e colaboração, como mestiçagem. A cultura, para ser dinâmica, tem de manter relações com outras culturas, mas nunca em relação de desigualdade, e sim de colaboração.

É importante destacar que, através destas ações culturais extensionistas, também foi possível ampliar o contato com a universidade e a cultura popular brasileira, além de construção de uma maior visibilidade para a Banda *Mangalô*, vinculadora de culturas musicais brasileiras de interior. Contudo, além de diversas músicas e histórias referentes às práticas culturais desses artistas do Vale do Mucuri, também podemos perceber parte das suas dificuldades de difundirem seus bens culturais. Nesse sentido, buscamos com esse intercâmbio cultural influenciar novas ações, por sua vez, com caráter até mesmo de pesquisa, a buscarem melhorias das condições de difusão, fruição e socialização dessas pessoas e seus saberes, em interlocução com o campo da cultura, em suas próprias localidades vivenciadas.

Por fim, os resultados deste projeto são as realizações das oficinas, contação de causos, shows na zona da mata e no Vale do Mucuri. Através destes, conseguimos ampliar e informar o público sobre o potencial cultural da região. Com estas ações fortalecemos a identidade de vários povos do Vale do Mucuri, desde cantadores de Folia de Reis, até mesmo artesãos, “cancioneiros” e “fazedores de cultura”.

6. Conclusão

Buscamos com essa iniciativa a divulgação e democratização da cultura musical de vários agentes artísticos e sociais da região do Vale do Mucuri. Ao mesmo tempo, buscamos de forma mais abrangente compreender os processos históricos que vão em direção à compreensão da atual resignificação das culturas nacionais pela forma mercadológica, que se assenta em vários âmbitos no Brasil. Desse modo, o projeto *Mangalô*, buscou acima de tudo, a revitalização e propagação dos conhecimentos populares através das músicas do próprio território nacional, ao difundir saberes musicais tradicionais e canções contemporâneas de altíssima qualidade, que, por sua vez, refletem a grande fonte de sabedoria dos antepassados das classes populares da região estudada.

A realização desse trabalho contribuiu para a articulação de ideias e a organização da pesquisa, a qual foi produzida anteriormente e continuará sendo estudada, por um dos integrantes do projeto. Além disso, a sistematização do material das oficinas e shows podem contribuir para a construção de investigações futuras na área.

Assim, as experiências de vínculo acadêmico e artístico dos integrantes da Banda *Mangalô*, por meio da atuação musical cultural, foi essencial para mais tarde direcionarmos pesquisas e projetos via lei de incentivo voltado para a região do Vale do Mucuri, de forma

que atenda tanto dentro, quanto fora das escolas da região. Além de também possibilitar o fortalecimento dos vínculos artísticos e culturais de um povo praticamente esquecido pelos meios de comunicação nacionais e até mesmo locais, das próprias cidades pertencentes à região.

Com tais ações, foi possível adentrar em perspectivas que envolvem pesquisa e ensino, por meio do material documentado, da divulgação e, posteriormente, da pesquisa no que tange à verificação e descrição da cultura popular realizada na região do Vale do Mucuri. Ainda, é importante ressaltar o desenvolvimento profissional da Banda *Mangalô*, através de shows e mídias sociais, os quais foram realizados no período de execução do projeto.

Outro aspecto a ser mencionado como resultado satisfatório é a visibilidade dos músicos que elaboraram algumas das canções interpretadas pela Banda *Mangalô*, o que entendemos como uma forma de homenagear e estimular os compositores e músicos desta região. Através dos shows, também foi possível democratizar a diversidade da cultura brasileira local sufocada pelos meios de comunicação de massa, assim como divulgar a poesia e ritmos brasileiros influenciados pela pesquisa musical referente à região do Vale do Mucuri.

Por fim, já nos reunimos com representantes da política interna da Universidade Federal de Viçosa, os quais demonstraram interesse de realizar a gravação de um CD da banda *Mangalô* até o final do ano de 2014, como forma de valorização e reconhecimento dos trabalhos prestados à sociedade brasileira.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégia para entrar e sair da Modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa; Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CHEVITARESE, L. As 'Razões' da Pós-modernidade. In: Analógos. I SAF-PUC. Anais. Rio de Janeiro:Booklink. 2001.

COSTA, Jean Henrique. Indústria Cultural e o forró eletrônico no Rio Grande do Norte. Natal, 2012, 309 f.; il. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DE MARI, Cesar Luiz; GRADE Marlene. Universidade, conhecimento e cidadania. Revista Imagens da Educação. doi: 10.4025/imagenseduc.v1i1.12345 / 2011.

FROEHLICH, J. M.; MONTEIRO, Rosa C. As Perspectivas de uma Nova Ruralidade pela Óptica Urbana: o campo semântico rural-natureza. In: FROEHLICH, José Marcos; DIESEL, Vivien (org). Espaço Rural e Desenvolvimento Regional: Estudos a partir da região central do RS. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JAMESON, F. Pós-Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

KELÉ. [Carlos Chagas – MG]: GNT. Janeiro, 2013. Entrevista concedida a André Luiz Ribeiro de Araújo.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 19.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LEAL, Alessandra Fonseca; LEAL, Erika Adriana. Políticas públicas, culturas populares e patrimônio cultural imaterial: meios e alternativas. RAEGA (Espaço Geográfico em análise) 26 (2012), p.247-269, 2012.

MARTINS, Marcos Lobato. Ocupação e desflorestamento numa área de fronteira: Vale do Mucuri, MG – 1890 a 1950. *Revista de História Regional* 15(1): 40-77, Verão, 2010

MORIN, Edgar. *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

MORYC, Carol. *Decadência cultural a partir do processo de globalização comandado pela grande mídia*. História Agora. 2007.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar: Convite a Viagem*. Porto Alegre: Artimed, 2000.

RODRIGUES, Cláudio Eduardo; CORDEIRO, Cristina Xavier. O sentido mítico das Folias de Reis do Vale do Mucuri. [2010?] Disponível em: <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/05-ciencias-religiao.pdf>> Acesso em 02/07/2014.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; CALABRE, Lia. *Políticas e Diversidade Cultural no Brasil*. *Revista Observatório Itaú Cultural / OIC - n. 8* (abr./jul. 2009). São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2009.

SILVA, Maria Abadia da. Do projeto político do Banco Mundial ao projeto político-pedagógico da escola pública brasileira. *Cad. CEDES [online]*. 2003, vol.23, n.61, pp. 283-301. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622003006100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23/02/10.

SOARES, Maria Susana A. E por falar em Pós-modernidade... somos modernos? *Revista de Educação AEC*, nº 89, 1993.

SOUZA, Ademar Rodrigues de. [Carlos Chagas – MG]:GNT. Janeiro, 2013. Entrevista concedida a André Luiz Ribeiro de Araújo.

Artigo recebido em:
1/08/2013

Aceito para publicação em:
26/09/2014